

A BATALHA DE ERECHIM OU DE EREXIM? GATOS À PAISANA: A REPRESENTAÇÃO DA NOMENCLATURA ERECHIM OU EREXIM EM GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO

 10.5935/2177-6644.20220028

THE BATTLE OF ERECHIM OR OF EREXIM? UNDERCOVER CATS: A REPRESENTATION OF THE ERECHIM OR EREXIM NOMENCLATURE IN GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO

¿LA BATALLA DE EREXIM O EREXIM? GATOS EN EL AULA: LA REPRESENTACIÓN DE LA NOMENCLATURA ERECHIM O EREXIM EN GLADSTONE OSORIO MÁRSICO

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues *

 <https://orcid.org/0000-0002-2785-2196>

Resumo: O artigo analisa a representação da discussão para a nomenclatura oficial da cidade de Erechim, no livro satírico *Gatos à Paisana* e no texto *A batalha de Erechim ou de Erexim?* De autoria do escritor satírico erechinense, Gladstone Osório Mársico (1927-1976). A proposta é analisar a representação da discussão da nomenclatura desta cidade situada no interior do Rio Grande do Sul por volta da década de 1950 e que se estendeu até a década de 1970, a partir da representação no texto *A batalha de Erechim ou de Erexim?* Publicado em 1975, na revista *Veja*, e na obra literária *Gatos à Paisana*, publicada em 1962 pela Editora Sulina.

Palavras-chave: Representação. *A batalha de Erechim ou de Erexim?* *Gatos à Paisana*. Erechim ou Erexim. Gladstone Osório Mársico.

Abstract: The article analyzes the representation of the discussion for the official nomenclature of the city of Erechim, in the satirical book *Undercover Cats*, and in the text, *The Battle of Erechim or of Erexim?* by the satirical writer from Erechin, Gladstone Osório Mársico (1927-1976). The proposal is to analyze the representation of the discussion of the nomenclature of this city located in the interior of Rio Grande do Sul around the 1950s and that lasted until the 1970s, based on the representation in the text *The Battle of Erechim or of Erexim?* Published in 1975 in *Veja* magazine, and in the literary work *Undercover Cats*, published in 1962 by Editora Sulina.

Key-words: Representation. *The Battle of Erechim or of Erexim?*. *Undercover Cats*. Erechim or Erexim. Gladstone Osorio Marsico

Resumen: Resumen: El artículo analiza la representación de la discusión por la nomenclatura oficial de la ciudad de Erechim, en el libro satírico *Gatos à Paisana* y en el texto *A Batalha de Erechim ou de Erexim?* De la autoría del escritor satírico de Erechin, Gladstone Osório Mársico (1927-1976). La propuesta es analizar la representación de la discusión de la nomenclatura de esta ciudad ubicada en el interior de Rio Grande do Sul alrededor de la década de 1950 y que duró hasta la década de 1970, a partir de la representación en el texto *A Batalha de Erechim ou de Erexim?* Publicado en 1975, en la revista *Veja*, y en la obra literaria *Gatos à Paisana*, publicada en 1962 por la Editora Sulina.

Palabras-clave: Representación. ¿La batalla de Erechim o de Erexim? *Gatos encubiertos*. Erechim o Erexim. Gladstone Osorio Marsico.

* Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). professora de Língua Inglesa e Literatura e Ensino Religioso da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. João Caruso em Erechim 
<http://lattes.cnpq.br/7322340601005027> - E-mail: glaucia.zinani@gmail.com.

Introdução

A proposta desse texto é analisar a representação da discussão gerada em torno da nomenclatura da cidade de Erechim escrita com *ch*, ou Erexim escrita com *x*. A discussão foi desenrolada por volta da década de 1950 e se estendeu até a década de 1970. O objetivo é analisar a representação feita na literatura do escritor Gladstone Osório Mársico em sua obra literária *Gatos à Paisana*, publicado pela Editora Sulina em 1962, e no seu texto *A batalha de Erechim ou de Erexim?* Publicado na edição de 20 de agosto de 1975, na revista *Veja*.

Mársico traz a discussão envolvendo a nomenclatura do município por meio de uma representação satírica, que segundo Oliveira (2014, p.18): “a sátira; com o objetivo de mostrar que a literatura se apropria dessa cultura da diferença, transformando a pluralidade em matéria do trabalho literário enquanto crítica social e inovação estética”. Dessa forma, obra de Gladstone Osório Mársico é uma crítica social e torna-se uma fonte de pesquisa instigadora para diversas áreas, como Literatura e História devido,

[...] apresentar aspectos insólitos e de crítica social, a temática, focalizando o meio sócio-econômico-cultural da zona da serra gaúcha em que o escritor viveu, sobretudo na cidade de Erechim, revela pontos irreverentes. Tais elementos, pouco comuns na literatura, transformam seus anseios estéticos em um gênero singularmente raro na arte do romance brasileiro (SASS, 1994, p. 16).

A literatura de Mársico é uma fonte de pesquisa sendo vista como representação. Sobre o conceito, Roger Chartier define,

[...] a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é (CHARTIER, 1991, p. 184).

Chartier (1991) traz a representação como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constroem significados no corpo social. Mársico traz em sua literatura a representação por ser uma testemunha ocular, por residir em Erechim, e ser participante da coletividade urbana e rural da cidade, e com isso em sua literatura sobressai o elemento da verossimilhança em sua escrita. Sobre o verossímil Janaína da Silva Sá (2006, p. 24), salienta que o: “Verossímil nasce no efeito da semelhança, surge antes e depois da produção textual, anterior e posteriormente ao translíngüístico, ele não é nem presente (ciência), nem passado (história); pretende ao universalismo. É, portanto, arte, literatura”.

Para dar sequência, as discussões se iniciam através da análise *A batalha de Erechim ou de*

Erexim? Gatos à Paisana: a representação da nomenclatura Erechim ou Erexim em Gladstone Osório Mársico e sem delongas uma breve consideração final.

A batalha de Erechim ou de Erexim? Gatos à Paisana: a representação da nomenclatura Erechim ou Erexim em Gladstone Osório Mársico

O município de Erechim¹ localiza-se na região norte do estado do Rio Grande do Sul. A discussão da escrita correta de Erechim com *ch*, ou Erexim com *x*, para a nomenclatura oficial da cidade se deu por volta da década de 1950 e se estendeu pelas décadas de 1960 e 1970. Debate árduo motivado pelos professores, filósofos, filólogos e políticos. O debate da grafia tem relação com o contexto histórico intelectual erechinense na década de 1970, o pesquisador erechinense, Enori Chiaparini, salienta:

Em 70 começa a mecanização do campo da região do Alto Uruguai, libera enormes contingentes de mão de obra que veem para a cidade, vem trabalhar no comércio, na indústria, é criado o Distrito Industrial e tem também a vinda da BR 153. Então vamos repetir, vinda do Ensino Superior de Erechim, mecanização do campo, criação do distrito industrial, e a vinda da BR terminaram um panorama que incrementou a urbanização de Erechim, a partir dali de forma bem salienta, o estudante vem de Itatiba de Gaurama [ex distritos de Erechim], daí se precisa mais de casas mais pensões, mais hospitais, mais policiais mais tudo. A cidade começa a se urbanizar, começa a crescer até tal ponto que até 1985 nós só temos condomínio com 12 andares [...]. Então esta década de 70, ela dá uma mudança radical no panorama e viabiliza de forma esplendorosa a urbanização de Erechim, este digamos é o quadro mais econômico né, sob o ponto de vista intelectual (CHIAPARINI, 2018).

Então, o pesquisador traz a vinda do camponês para a cidade em busca de trabalho nas empresas e depara ter acesso à educação universitária. Também, vale salientar que a produção acadêmica em Erechim se inicia a partir da década de 1970, com a instalação de colégios de 2ª grau e principalmente, e a fundação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões no *Campus* Erechim, a URI. Com isso, aparece uma historiografia científica, com os escritos da *Revista Erechim* financiada e publicada pela URI, também uma mais expressiva organização do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

A repercussão para a grafia correta para o nome da cidade apareceu em jornais, como *A Voz da Serra* e *Correio do Povo* e a movimentação das autoridades do Ministério da Educação e Cultura, e da Academia de Letras. Em *O Grande Erechim e sua História*, de autoria de Antônio Ducatti Neto, ressalta o nome dos envolvidos na discussão da grafia correta para Erechim:

Intervieram ilustres homens de letras, escritores e historiadores de renome, como Antônio Estevão Allgayer, Clío Fiori Druck, Celso Pedro Luft e Guilherme Barp, todos eles

¹ Hoje é considerada cidade pólo da região do Alto Uruguai gaúcho e a segunda cidade mais populosa do norte do estado, com estimativa de 107 368 habitantes (IBGE/2021).

favoráveis à grafia com *x*; Carlos Alberto Godoi Ilha, João Palma da Silva, Aldemiro Arpini, Aquilino G. Carmona e Mário Calvet Fagundes, que defenderam a manutenção do *ch* no nome do município de Erechim (NETTO, 1981, p. 45).

Antônio Ducatti Neto (1981) salienta que o primeiro trabalho publicado em defesa da mudança da grafia com *ch* para *x*, publicado em 1959, de autoria Antônio Estevão Allgayer. A justificativa da alteração partia do fato de que se tratava de um vocábulo de “origem indígena em que a figura a consoante fricativa palatal surda”, segundo Ducatti Neto (1981, p. 46). A grafia correta de Erechim com *ch* ou Erechim com *x*, chegou a ser pauta discutida pelos vereadores Gladstone Osório Mársico e Aristides Zambonato, no 12º requerimento do vereador Jasson Evaristo de Castro, na Câmara de Vereadores na ata de 03 de julho de 1956,

[...] os vereadores Gladstone Osório Mársico, Aristides Zambonato e Jasson Evaristo de Castro discutem a ‘grafia’ de Erechim. O primeiro apresenta ‘EMENDA’, substituindo ‘X’ de Erechim, de REQUERIMENTO por ‘CH’ e lembra que o assunto já foi amplamente discutido, numa das últimas reuniões da casa (ATA 03/07/1956. Fls. 14).

Em 30 de abril de 1960, na reportagem *Projeto CH*, traz a discussão novamente a Câmara de Vereadores, do projeto de lei apresentado por Célio Osório Coimbra, primo de Gladstone Osório Mársico, que segundo o jornal, o projeto “polarizará duas correntes, que defendem a grafia de Erechim com *x* e com *ch* [...] Erechim em duas maneiras não se deduz a maneira correta, ou pelo certo português ou pela tradução indígena, ou primitiva”, (A VOZ DA SERRA, 30 abr. 1960).

O debate continuou na década de 1970, a discussão ganhou força, com a criação da Associação dos Professores Secundários de Erechim, e com a publicação do livro intitulado *A evolução de Erechim*, de autoria do advogado e professor Guilherme Barp, defendendo o *x*. Depois disso, “o Conselho Federal de Cultura respondeu com um Parecer concluindo que Erechim deve ser grafado com *x* e não com *ch*, porque assim está consignado no Dicionário Geográfico Brasileiro do IBGE” (DUCCATTI NETO, 1981, p. 46).

Ainda na década de 1970, o debate seguiu pelos autores apoiadores do *x*², na Câmara de Vereadores de Erechim, cuja sessão rejeitou o parecer dos apoiadores do *x*, e ainda mais, elaborou outro parecer confirmando a grafia com *ch*, para que as repartições públicas tomassem conhecimento, conforme Ducatti Neto (1981). Com isso, “ficava proibido escrever Erechim com *x*, em tabuletas, anúncios, placas e tudo que fosse para o uso público ou para a divulgação ao público”, (ZAMBONATTO, 2000, p. 119).

Depois da rejeição do parecer na Câmara de Vereadores, a Associação de Professores solicitou um novo parecer e em memorial, para o ex Ministro da Educação Jarbas Passarinho, que

² Antônio Estevão Algayer, Tobias Pereira Sobrinho, Guilherme Barp, Edílio Scaranto, Dorvalino Franzon, João Komozinski, Evandes Barbosa, dentre outros, conforme Zambonato (2000, p.121).

por sua vez remeteu novamente ao Conselho Federal de Cultura, apoiando a escrita com *x*. Com isso, a atitude do Ministério da Educação e Cultura e a Procuradoria do Estado ameaçaram processar o município caso a lei não fosse revogada, desse modo, a lei foi revogada (DUCATTI NETO, 1981, p. 4; ZAMBONATTO, 2000).

Logo depois, a posição contrária à mudança da grafia do nome foi reforçada em 1974, por Mário Calvet Fagundes, membro do Conselho Estadual de Cultura, que publicou um artigo no jornal *Correio do Povo*, citando a Lei Federal 2.628/1955, solicitando a adoção do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Em 22 de outubro de 1974, a prefeitura decretou a Lei “1.400/1974 tornando obrigatória a grafia do nome oficial do município no âmbito de suas atribuições, respeitando decreto estadual e determinando que a grafia oficial do município é Erechim com *ch*” (MARTINS, 2018, s/p).

O contexto das décadas de 1960 e 1970 foram representados na literatura local, produzida pelo escritor satírico, Gladstone Osório Mársico que nasceu em 5 de abril de 1927 em Viadutos, ex-distrito de Erechim, e faleceu em 23 de abril de 1976 em Porto Alegre. Bacharel em Ciências Jurídicas atuou como advogado da *Jewish Colonization Association*³. Presidente do Partido PTB em 1954, ex-vereador em Erechim no período de 1956-1959. Foi um dos fundadores da Associação Internacional de *Lions Clube* de Erechim em 1964-1965. Dirigente do clube esportivo Ypiranga Futebol Clube em 1971. Assessor jurídico da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - *Campus* de Erechim (RODRIGUES, 2019).

Como escritor satírico literário, publicou o livro de contos *Minha Morte e Outras Vidas* em 1958, e quatro romances: *Gatos à Paisana* em 1962, *Cogumelos de Outono* em 1972, *Cágada (ou um município a passo de)* em 1974 e encerra com a publicação *post mortem*, de *Furúnculo* em 1994 (RODRIGUES, 2019). A revista *Veja*, na sessão de Literatura, sob o título *À espera do Führer* na edição nº 187, de 5 abril de 1972, p. 88, considerou Gladstone Mársico o “melhor talento satírico da nova literatura brasileira”, e as obras literárias de Mársico estiveram dentre as mais vendidas do país⁴. Para esta análise optou-se em buscar a representação de Erechim, na obra literária *Gatos à*

³ A *Jewish Colonization Association* (JCA ou ICA), ou Associação de Colonização Judaica, criada em 11 de setembro de 1891, pelo judeu banqueiro idealizador, *Moritz Hirsch*, cujo propósito foi facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e outros países do Leste Europeu, assentando-os em colônias agrícolas em terras por ela adquiridas, particularmente na América do Norte e América do Sul, em especial na Argentina e no Brasil.

⁴ No *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro de 27 de janeiro de 1972, na reportagem, *O que há para ver*, traz *Cogumelos de Outono*, produzido pela Editora Movimento, capa de Cláudio Casaccia, mostra o interior rio-grandense, ao tempo de Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Getúlio Vargas, juntamente com o livro *Amor em Grupo* de Gilbert D. Bartell, e na edição de 29 de janeiro de 1972, traz os livros mais vendidos nos estados, em Porto Alegre, aparece *Cogumelos de Outono*, ao lado de *Incidente de Antares* de Érico Veríssimo, *A pedra do Reino* de Ariano Suassuna, *A Bíblia e os Discos Voadores* de Fernando Cleto Nunes Pereira, e *O cão Negro* de Carlos Lacerda. Depois, no *Jornal do Brasil*, na

Paisana e no texto *A batalha de Erechim ou de Erexim?* Devido este romance e este texto conterem as representações da nomenclatura de Erechim.

Em *Gatos à Paisana*,

Erechim ou Erexim (para contentar a ambos), julho de 1961. Houve até há bem pouco tempo grande polêmica sobre como escrever o nome da cidade. Havia o grupo do *x* e do *ch*. Tudo começou por culpa da agência do Banco do Brasil que, não se sabe por qual motivo, lançou a moda do *x*. Cada colono que lá comparecia para obter um empréstimo era obrigado a compreender o *x* da questão. O movimento encontrou terra fértil e, em breve, um número apreciável de filólogos amadores encampou a ideia. Houve manifestações aqui e acolá, prós e contras, e até os populares cronistas sociais iniciaram *chás* e mais *xás* de apoio às campanhas. A coisa chegou a tal ponto que a colenda Câmara de Vereadores resolveu manifestar-se. Os Edis discutiram por várias horas e mostraram que possuíam incontestemente domínio da língua. Mas, como quisessem ficar bem com os dois lados, sugeriram que o Prefeito proferisse o voto de Minerva. Acontece que o Prefeito compreendeu o golpe da Câmara, entrou em licença para tratamento de saúde, e coube ao Vice o desempate. Este, de saída, ficou brabo e disse que nada tinha a ver com a Minerva. O voto seria seu. E, no dia seguinte, mandou dizer à Câmara que achava estranha e ridícula toda aquela discussão, pois que ele, desde pequeno, sempre ouvira dizer que o nome da cidade se escrevia com *ss*: *Eressim*.... Os vereadores tiveram um sobressalto, mas a grande maioria do povo se ufanou de ter elegido um Vice tão sábio (MÁRSICO, 1962, s/p).

Aqui, Mársico faz uma representação em seu livro ficcional sobre a repercussão da grafia correta para Erechim. Sabe-se que foi obra publicada em 1962, período em que não se havia uma definição, então o autor usa as duas maneiras de escrever Erechim, com *x* e com *ch*, para satirizar a desavença entre os defensores de ambas as partes. Quando Mársico diz no trecho,

Tudo começou por culpa da agência do Banco do Brasil que, não se sabe por qual motivo, lançou a moda do *x*. Cada colono que lá comparecia para obter um empréstimo era obrigado a compreender o *x* da questão. O movimento encontrou terra fértil e, em breve, um número apreciável de filólogos amadores encampou a ideia. Houve manifestações aqui e acolá, prós e contras, e até os populares cronistas sociais iniciaram *chás* e mais *xás* de apoio às campanhas (MÁRSICO, 1962, s/p).

Mársico satiriza que a indefinição da nomenclatura interferia na vida social dos cidadãos erechinenses, que não sabiam qual grafia adotar. No Arquivo Pessoal do Autor, dentro das dependências da Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico encontram-se comprovantes bancários com a escrita de Erechim com *x*, talvez Mársico quisesse trazer à tona, que instituições usavam Erechim com *x*. No trecho, “O movimento encontrou terra fértil e, em breve, um número apreciável de filólogos amadores encampou a ideia”, Mársico retrata, quais eram os grupos, do *x* e do *ch*, dentre eles destacavam-se professores, filósofos, políticos e filólogos. No trecho:

Mas, como quisessem ficar bem com os dois lados, sugeriram que o Prefeito proferisse o voto de Minerva. Acontece que o Prefeito compreendeu o golpe da Câmara, entrou em

reportagem, *Os mais vendidos no Rio*, traz *Cágada*, como uma das mais vendidas 07 dez.1974.

licença para tratamento de saúde, e coube ao Vice o desempate. Este, de saída, ficou brabo e disse que nada tinha a ver com a Minerva. O voto seria seu. E, no dia seguinte, mandou dizer à Câmara que achava estranha e ridícula toda aquela discussão, pois que ele, desde pequeno, sempre ouvira dizer que o nome da cidade se escrevia com *ss*: *Eressim*.... Os vereadores tiveram um sobressalto, mas a grande maioria do povo se ufanou de ter elegido um Vice tão sábio (MÁRSICO, 1962, s/p).

Mársico traz o desenrolar da discussão do projeto da grafia de Erechim debatida na Câmara de Vereadores. Segundo a filha de Mársico, Rosangela Mársico Lehmann (2022, s/p), “Meu pai era a favor do *x*..., mas ele fazia piada porque os colonos italianos falavam *Eressim*, então ele brincava dizendo que tinha que escrever com dois *ss*....*Eressim*, mas era brincadeira”. Aqui, sobressai que Mársico era favorável ao *x*, e satiriza o linguajar com sotaque que o Vice-Prefeito Olímpio Tormen, por ser descendente de italianos, emitia ao pronunciar o nome da cidade.

Gladstone Osório Mársico usa a verossimilhança para satirizar a falta de posição do prefeito Aristides Agostinho Zambonato deixando para o vice-prefeito, Olímpio Tormem decidir o parecer final, que decretado em 22 de outubro de 1974, dando fim a discussão da grafia correta para Erechim, pois na entrevista cedida ao *Jornal Bom dia*, Olímpio Tormen, salienta que ocupou o cargo de,

Vice-prefeito na administração de Aristides Agostinho Zambonato, Olímpio Tormen, aos 94 anos, diz lembrar do dia em que assinou a lei determinando a grafia de Erechim com CH. ‘Era uma discussão muito intensa na época. De um lado um grupo formado principalmente por professores defendendo a escrita com *x*. Do outro a maioria da comunidade defendendo que Erechim era com *ch*. O debate se alongou por um tempo e então a comunidade pressionou por uma lei’, relatou. Tormen lembra ainda da relação de amizade e parceria que predominava entre ele e o então prefeito, Aristides Zambonato. ‘Inúmeras vezes durante o mandato ele passava a prefeitura para mim, pois trabalhávamos juntos’, recorda. Isto aconteceu também quando ocorreu a assinatura da Lei, porém, dessa vez, ele revela um motivo que vai além da relação entre amigos. ‘Aristides Zambonato era professor e teve muito medo de se indispor com a categoria, já que eram eles principalmente que defendiam a escrita com *x*. Ele então passou a prefeitura para mim para que eu sancionasse a lei e para que seu nome não ficasse ligado a esta decisão’, contou à reportagem, enquanto mostrava parte de seu acervo onde constam etapas da discussão em torno da grafia (MARTINS, 2018, s/p).

A discussão da grafia foi novamente retratada por Mársico, no texto intitulado, *A batalha de Erechim ou de Erexim?* O manuscrito encontra-se no Arquivo Pessoal do Autor, dentro das dependências da Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico. O mesmo texto foi publicado na Revista *Veja*, em 20 de agosto de 1975:

Aqui no Rio Grande é muito comum esse posicionamento dualista. Vem de longe. Antigamente, eram chimangos e maragatos. Depois, trabalhistas e *pesseditas*. Ultimamente, por causa de certas distensões, apenas gremistas e colorados. Os gaúchos sempre se posicionaram quando puderam. E, quando não puderam, inventaram um jeito de se posicionar. Assim, há os de Não-Me-Toque e os de Campo Real; os de Erechim e os de Erexim. Na briga de lá, ser de Não-Me-Toque – aí! – ou de Campo Real – bah! –, não me meto. Apenas um palpite: por que não escolher um terceiro ou terceira? Sugiro Sandra

Brea. Já imaginaram alguém perguntar: De onde é você? ‘Sou de Sandra Brea!’. Na briga de cá, também não me meto. É como servir de colchão em briga de marido e mulher. Apenas me refiro a que, dê uns tempos a esta parte, as coisas se agravaram de novo. A solução intermediária do vice-prefeito (*Eressim*) parece que foi esquecida. Houve polêmicas nos clubes, bate-pena no jornal e bate-boca na televisão. Livros foram escritos defendendo uma e outra tese, esgotando-se as edições para gáudio dos respectivos escribas (não que os livros fossem lidos; foram usados como tortas em briga de aniversário). Houve quem tivesse petições devolvidas nas repartições por culpa dos professores subversivos do X e alguns alunos receberam cascudos por culpa dos pais, reacionários do CH. Houve até um advogado que brigou com um juiz, por causa das cadeiras da servente e, para manterem a ética do debate, um deles xingava e o outro chiava. A Câmara de Vereadores chegou a ficar ardente, em vigília gráfica, e o Prefeito, acusado de ser a favor e contra, não pode lavar as mãos: ou se sujava ou saía limpo da Prefeitura. O dualismo chegou a tal ponto que, numa projetada obra pública, um mictório, obra que muitas gerações de fumantes vinham reclamando, ninguém falou em separar damas e cavaleiros. Era a turma do xixi, de um lado e do *chichi*, de outro. E, como o vice-prefeito achou melhor fazer *ssissi* em casa, acabou depondo as armas (VEJA 1975, p. 50).

Mársico retrata o Rio Grande do Sul, como um Estado dualista. Traz que os dualismos veem desde a Revolução Federalista⁵, ao usar os termos maragato e chimangos. Depois diz, que essa característica de luta segue nos partidos políticos, entre o Partido Trabalhista Brasileiro com o Partido Social Democrático, e que há também desavenças no futebol, entre os clubes Grêmio Futebol Porto-Alegrense com o *Sport Club* Internacional. Depois cita as polêmicas entre as cidades de Não-Me-Toque com Campo Real e Erechim versus Erechim, e satiriza que se deveria ter uma terceira opção, para a nomenclatura de Erechim.

Nota-se o humor na expressão, “na briga de cá, também não me meto. É como servir de colchão em briga de marido e mulher”, ou seja, Mársico sabe que a discussão está dando ênfase na década de 1970. Usa sua sátira para dizer que “houve polêmicas nos clubes, bate-pena no jornal e bate-boca na televisão”, dessa maneira percebe-se que Mársico acompanha a polêmica nos jornais e nos meios de comunicação, nos quais desenrolou a questão.

Em 1974, Aristides Agostinho Zambonato ocupava o cargo de Prefeito e Olímpio Tormen, o cargo de Vice-Prefeito de Erechim. Mársico diz no trecho “a Câmara de Vereadores chegou a ficar ardente, em vigília gráfica, e o Prefeito, acusado de ser a favor e contra, não pode lavar as mãos: ou se sujava ou saía limpo da Prefeitura”, aqui traz à tona outro aspecto, que o prefeito Aristides Zambonato cita em seu livro *Os meus Erechim*,

Dizia-lhes que, como prefeito, tinha assuntos de mais relevância para a administração, como estradas, ruas, escolas, e que aquilo ficava para os filólogos, que são as autoridades em questão de linguagem e literatura. Como engenheiro químico, sou apenas um técnico físico e me obrigava sob o escudo de minha incapacidade intelectual para deitar lei sobre a matéria (ZAMBONATTO, 2000, p. 119).

⁵ Conflito ocorrido na Região Sul do Brasil, entre os anos de 1893 e 1895, que expôs a divisão entre os republicanos, isto é, entre os que defendiam maiores poderes para o presidente da República e os que apoiavam a descentralização do poder, com maior participação dos estados.

Percebe-se que o prefeito não assumiu posição alegando ser de outra área de conhecimento, Aristides Zambonato preferiu ficar distante em opinar sobre a questão, vindo de encontro à sátira de Mársico. A sátira ao dualismo chega no ridículo de dizer que até nas obras públicas existia dualismo: “O dualismo chegou a tal ponto que, numa projetada obra pública, um mictório, obra que muitas gerações de fumantes vinham reclamando, ninguém falou em separar damas e cavaleiros. Era a turma do *xixi*, de um lado e do *chichi*, de outro” (MÁRSICO, 1975, p. 50).

Pode-se afirmar que a disputa foi notável entre dois grupos dominantes que culminou o desfecho na década de 1970. Apesar da lei municipal e o nome do município ser registrado em documentos oficiais com *ch*, restam dúvidas e questionamentos por parte dos defensores do *x*, que ainda não se conformam. Existem instituições, como a diocese, que foi registrada como Diocese de Erechim com *x*, mantendo assim, a mesma grafia da palavra original. Em 1985, no decreto de fundação do Centro de Ensino Superior, no

Diário Oficial da União, onde consta o decreto de criação do Centro de Ensino Superior de Erechim (Cese) no ano de 1985, assim grafado e assinado pelo então presidente do Brasil, José Sarney, ao se referir ao município naquele ano. Há ainda uma carta-resposta assinada pelo ex-presidente da ABL, Arnaldo Niskier, ao então presidente do poder Legislativo do município, João Brisotto, na qual o primeiro afirma ao segundo que ‘o topônimo que designa a sua cidade deve ser escrito com *x* (Erechim), pois assim está grafado no Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras’ (MARTINS, 2018).

Em 2010, tramitou na Justiça o Processo nº 11000002232, de autoria do morador Gilmar José Smaniotto, numa ação contra o Município de Erechim e o Poder Legislativo Municipal, alegando que o nome da cidade deveria ser corrigido, passando-se a grafar com *x* e não com *ch*, não tendo se adequado às instruções da academia Brasileira de Letras e às normas de ortografia. O Juiz Gustavo Zanella Piccinin determinou a extinção, “sem julgamento do mérito [...] A decisão foi baseada na impossibilidade jurídica do pedido e ilegitimidade passiva e ativa, nos termos do artigo 267 do Código de Processo Civil” (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL, 2022 s/p).

Em 2018, na reportagem *Erechim ou Erechim?* do jornal erechinense, *Bom dia*, a jornalista Najaska Martins, entrevista o defensor do *x*, Guilherme Barp, advogado e professor. Nesta entrevista, Guilherme Barp traz dois argumentos em defesa do *x*. No primeiro fundamento, ele acredita que a influência francesa de Júlio de Castilhos⁶, redator do decreto da criação da colônia

⁶ Júlio Prates de Castilhos (1860- 1903) jornalista e político brasileiro. Presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição Estadual de 1891. Esta foi a primeira constituição estadual da República a ser concluída, e acabou servindo de base a diversas outras no país. Ele inspirava-se muito fortemente no positivismo do filósofo francês Auguste Comte.

Erechim em 1908,

[...] refletiu diretamente em sua escolha na grafia com ch. 'Erexim sempre fora escrito com x desde os tempos de criação da Colônia. Além disso, Júlio de Castilhos, que foi assessor direto de Antônio Augusto Borges de Medeiros, havia estudado muito tempo na França, na *Sorbonne*. Na língua francesa o CH é muito mais comum do que o x. Não há dúvidas que a influência do tempo que ele passou lá refletiu diretamente no ato de escrita do nome da Colônia, já que foi ele o responsável por redigir o seu decreto de criação (MARTINS, 2018).

E o segundo argumento que o entrevistado Guilherme Barp, diz na mesma entrevista, é o fato de que até 1943, não havia uma organização padronizada da ortografia do país. Então, foi realizada pela:

Academia Brasileira de Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa por meio do decreto 5.186 de 13 de janeiro 1943, sendo essa a maior reforma ortográfica do país. Me recordo desta época. Era estudante e a vimos como uma solução para todas as nossas dúvidas ao passo que colocava um padrão na escrita. Esta, porém, ficou incompleta, pois também havia sido decidido pela criação do vocabulário onomástico da Língua Portuguesa que a ABL ficou por elaborar. Porém, este trabalho só foi concluído em 1999 e nele consta Erexim com x (MARTINS, 2018).

Para finalizar a discussão do uso correto da escrita para Erechim, pode-se dizer que a disputa pela grafia correta parece ser interminável, visto que a década de 1970 não é um passado muito distante, e até hoje 2022, existem munícipes que têm resistência em escrever Erechim com *ch*.

Considerações finais

Pode-se concluir que a repercussão para a grafia correta para o nome da cidade, apareceu em jornais, como: *A Voz da Serra*, *Jornal Bom dia* e *Correio do Povo*. Como também, a movimentação das autoridades do Ministério da Educação e Cultura, e da Academia de Letras. A representação deste debate foi vista na literatura de Gladstone Osório Mársico, que usou da sátira em seu romance *Gatos à Paisana*, e no seu texto, *A batalha de Erechim ou de Erexim?* Tornando sua literatura uma fonte de estudo, para compreender essa movimentação prol e contra a grafia. Mársico trouxe para a Literatura uma sátira para a falta de respostas, que a comunidade erechinense tinha referente à falta de uma posição dos órgãos responsáveis, em determinar ou definir a grafia oficial do município.

Por fim, a questão se estendeu nos anos 1950 e continuou até sair o decreto da Lei 1.400/1974, o qual tornou obrigatória a grafia do nome Erechim com *ch*, sancionada em 22 de outubro de 1974, assinada pelo então vice-prefeito, Olímpio Tormen. Esta discussão da grafia ainda é uma questão delicada de ser debatida nesta cidade de interior, mas seu debate é pertinente e necessário.

Fontes

CHIAPARINI, Enori José. **Vivências em Erechim**. Entrevista concedida a Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Erechim/RS, 31 ago. 2018, s/p. Prof. Historiador, patrono da XV Feira do Livro de Erechim 2012, atua diretamente junto ao Acervo documental, colaborador do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, e apresenta o programa de rádio *Vozes do Tempo*, na Rádio Virtual FM, 104.7.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRADIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados Erechim senso 2021**. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/erechim.html> >. Acesso em: 12 jun. 2022.

LEHMANN, Rosangela Mársico. **Vivências em Erechim**. Entrevista concedida a Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Via Facebook. 12 jun.2022, s/p. Reside na Suíça, cidade Meggen, possui 69 anos de idade, filha de Gladstone Osório Mársico.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **A batalha de Erechim ou de Erexim?** S/d, s/p. Fonte: Arquivo pessoal do autor. Biblioteca Pública Municipal de Erechim Dr. Gladstone Osório Mársico.

MARTINS, Najaska. Erechim ou Erexim? **Jornal Bom Dia**. 30 abr. 2018. Disponível em: < <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/22546/erechim-ou-erexim-> >. Acesso em 09 jun. 2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL. **Extinta a ação que postulava grafia do nome Erechim com x**. Disponível em: < <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/noticias/2387668/extinta-a-acao-que-postulava-grafia-do-nome-erechim-com-x> >. Acesso em: 11 jun. 2022.

VEJA. **À espera do Führer. Sessão de Literatura**. Edição nº 187, 5 abr. 1972, p. 88.

VEJA. **A batalha de Erechim ou de Erexim?** 20 ago. 1975, p.50

Referências

A VOZ DA SERRA. **Projeto CH**. 30 abr.1960.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM. **Ata Câmara de Vereadores de Erechim**. 03 jul. 1956.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v.5, n. 11, p. 173-191, 1991.

DUCATTI, Neto, Antônio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1981.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **Gatos à Paisana**. Porto Alegre: Sulina, 1962.

OLIVEIRA, Mariana Bravo. **Mistura e Fatura: Sátira e Banquete nos Sermones de Horácio**. Dissertação (Mestrado em Estudos Litarários), Araraquara: Universidade Estadual Paulista -

UNESP, 2014.

RODRIGUES, Gláucia Elisa Zinani. **A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul: Cágada e O exército de um homem só.** Dissertação (Mestrado em História), Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo - UPF, 2019.

SÁ, Janaína da Silva. **Intertextualidade e verossimilhança: História e tradição em vícios e virtudes de Helder Macedo.** Dissertação (Mestrado em Letras), Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2006.

SASS, Vera Beatriz. **O satírico e o picaresco em Gladstone Osório Mársico.** Porto Alegre: IEL: Movimento, 1994.

ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os meus Erechim.** Erechim/RS: EDELBRA, 2000.

Recebido em: 12 de junho de 2022.

Aprovado em: 07 de agosto de 2022.